

mundo

Brasileiros nascidos no Japão, em limbo de idiomas, mudam perfil migratório

Nova geração quer ficar no país asiático, mas sofre com falta de perspectiva por lacunas educacionais

Juliana Sayuri

TOYOHASHI (JAPÃO) Nacionalidade de “brasileira”, diz o documento de identificação de Marcela (nome fictício), 19, que trabalha numa fábrica de autopeças de Okazaki. Ela nasceu na cidade de Japão. São brasileiros só no papel”, diz ele. “Há uma geração de nikkeis [descendentes de japoneses] que estão no Japão para ficar, uma mudança ante os primeiros imigrantes. É importante pensar no futuro deles. Um futuro não muito distante.” Cerca de 43 mil dos brasileiros residentes no Japão são crianças e jovens de até 18 anos. Entre eles, 4.000 estão matriculados em colégios brasileiros, instituições particulares idealizadas para acolher filhos de imigrantes no fim da década de 1990. Até 2008, foram abertas mais de cem escolas brasileiras. Em 2010, o número caiu para 76, entre as quais apenas 47 eram homologadas pelo Ministério da Educação do Brasil, o que possibilita que os estudos realizados no Japão sejam validados no Brasil. Atualmente, segundo dados da embaixada do Brasil em Tóquio, há 36 escolas homologadas, a maioria delas nas províncias de Aichi e Shizuoka. Elas cumprem um papel importante, diz o cõn-

sul Aldemo Garcia, da representação brasileira em Hamamatsu: com horários diferentes, muitas vezes mais extensos que os das escolas japonesas, são uma alternativa para os pais que passam longas jornadas nas fábricas. “O problema é que as escolas brasileiras têm, em média, só duas horas [de aula] de japonês por semana”, afirma. O domínio do idioma é considerado o maior entrave para a integração dos imigrantes à sociedade nipônica — e há quem viva até hoje num tipo de “bolha brasileira” no Japão. Estudos indicam que crianças correm o risco de se sentirem “perdidas” nas idas e vindas entre Brasil-Japão, enfrentando dificuldades ao tentar desenvolver o português e o japonês ao mesmo tempo. É o que conta Giulia (nome fictício), 16: nascida no interior de São Paulo, ela viveu dos 3 aos 6 anos no Japão, foi ao Brasil e ficou até os 11, e voltou ao Japão. Hoje, frequenta uma escola brasileira de Aichi. “Querida aprender japonês, mas até agora não consegui”, diz a estudante paulista, que não vê a hora de começar a fazer “arubaito”, o trabalho temporário que, no geral, não exige educação superior e muitas vezes dispensa a proficiência na língua japonesa.

Sem perspectiva de ingressar em uma universidade, investir em uma qualificação profissional ou empreender, há jovens brasileiros buscando vagas de operários, como fizeram seus pais. “Muitas vezes, o sonho dos pais não é o mesmo dos filhos”, diz a pesquisadora Nilta Dias, do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade Sophia, em Tóquio. “Pais podem querer que filhos aproveitem a oportunidade que eles não tiveram para estudar e almejar um futuro melhor; já jovens podem preferir ganhar dinheiro na fábrica, pensando no presente imediato”, destaca ela, que pesquisa o tema desde 1999. Na década de 2000, conta Dias, era raríssimo ver alunos brasileiros na universidade. Hoje, pondera, é mais comum encontrar estudantes estrangeiros no campus — estima-se que cerca de 500 jovens brasileiros, egressos de colégios japoneses ou brasileiros, conseguiram chegar ao ensino superior. “Sempre digo: cada caso é um caso. Sim, há jovens indo para fábricas; mas há muitos indo para universidades, intercâmbios, cursos técnicos. Que viraram enfermeiros, empreendedores e uma série de profissões. Que são modelos pa-

ramotivar as novas gerações.” Consúladose ONGs de brasileiros vêm realizando eventos educacionais e culturais para conscientizar conterrâneos sobre a importância da educação, inclusive o mais básico para quem pretende ficar “para sempre” — ou ao menos por um bom tempo — no país asiático: a alfabetização na língua japonesa. A ideia dessas iniciativas é fortalecer os laços com o Brasil e, ao mesmo tempo, a integração com o Japão. Natalia Oliveira Takahashi, 24, entende bem o que é viver entre os dois mundos. Ela nasceu em Nishio e, desde pequena, estudou em escola japonesa de manhã e em escola brasileira à tarde. É fluente nos dois idiomas. “Dos 7 aos 12, tive uma professora muito legal, que não ensinava só o português, mas contava como era a cultura além do Brasil que se via nas novelas e nas notícias”, afirma ela, que até hoje visitou o país sul-americano apenas três vezes, de férias. Natalia cursou política internacional na Universidade Sophia —foi uma das alunas de Dias. Graduou-se em 2020 e hoje trabalha na área de marketing, em Tóquio. “Tive sorte, meus pais sempre me incentivaram. Não só apoio financeiro, mas acolhimento, conselhos, tudo isso faz diferença para a nossa formação.” Ela se considera brasileira e japonesa ao mesmo tempo, mas, desde os tempos de universidade, no contato com outras culturas, diz que prefere se ver como uma “global citizen”, ou seja, uma cidadã global. “Tenho essas duas culturas enraizadas, mas tento pensar que não sou só isso: faço parte do mundo.”

Há uma geração de nikkeis [descendentes de japoneses] que estão no Japão para ficar, uma mudança ante os primeiros imigrantes. É importante pensar no futuro deles. Um futuro não muito distante

Etsuo Ishikawa advogado paulista que presta consultoria a brasileiros no Japão

206 mil é o número de brasileiros no Japão, segundo dados do Ministério da Justiça

43 mil é a parcela de brasileiros no Japão com até 18 anos de idade



Abdelhak Balhak/Reuters

MORTE DE CRIANÇA NO MARROCOS COMOVE DO PAPA A MACRON

A morte do menino Rayan Awram, de 5 anos de idade, causou comoção em todo o mundo após ele passar cinco dias preso em um poço no Marrocos e morrer antes de o resgate chegar, no sábado (5). O papa Francisco elogiou o povo marroquino por se unir para tentar resgatar o menino. “As pessoas se uniram para salvar Rayan, trabalharam juntas para salvar uma criança”, disse na bênção semanal na Praça de São Pedro, no Vaticano. Já o presidente da França, Emmanuel Macron, escreveu em árabe, no Facebook, uma mensagem na qual se dirigia à família de Rayan e ao povo marroquino, dizendo compartilhar da dor deles. Clubes de futebol como Liverpool, Barcelona e Sevilla também enviaram condolências em suas contas árabes no Twitter. “A coragem de Rayan permanecerá em nossas memórias e continuará nos inspirando”, escreveu Ismael Bennacer, meia argentino do Milan, com um desenho de um menino erguido ao céu por um balão.

TODA MÍDIA

Nelson de Sá nelson.sa@grupofolha.com.br

À espera de Scholz, Biden mantém ‘escalada retórica’

Após a porta-voz da Casa Branca prometer que não iria mais falar que a invasão da Ucrânia é “imminente”, o conselheiro de Segurança Nacional surgiu na Fox News para falar que a invasão pode acontecer “a qualquer momento agora”. Na home page do New York Times, “Autoridades do governo Biden disseram que invasão poderia provocar uma crise de refugiados” na Europa. Como a CNN admitiu uma semana antes, quando até a Ucrânia passou a resistir à “escalada retórica dos EUA”, há “sinais claros” de que a es-

tratégia visa “forçar aliados na Europa a tomar posições mais duras” contra a Rússia. Um em especial, o alemão Olaf Scholz. Ele chega a Washington nesta segunda (7) sob fogo do mesmo NYT, que afirmou em reportagem, sem creditar a ninguém: “A paciência está acabando, e Scholz tem que trazer algo à mesa”. O Wall Street Journal, em seu destaque da visita, se concentrou no outro lado, buscando explicar por que ele não abandona o Nord Stream 2, principal exigência de Biden: “Assessores dizem que a cau-

tela de Scholz não é motivada por preocupações com o gás. Eles dizem que o esforço dos EUA para trazer a Ucrânia para a esfera ocidental e fornecer armas está aumentando a instabilidade na Europa”. O chanceler já havia justificado, à rede ZDF: “Muitos cidadãos deste país temem que a situação possa realmente surgir, de uma guerra na Europa, e é tarefa comum garantir que isso não aconteça”. O WSJ ressalta que “os alemães, que há décadas são céticos sobre o uso —ou ameaça— de força militar para resolver crises, apoiam a abordagem cautelosa de Scholz: pesquisa recente mostrou que 73% concordam com a sua recusa em armar a Ucrânia”.

AGUENTA PRESSÃO O jornal americano ouve, de uma economista próxima de Scholz, Philippa Sigl-Glöckner: “O chanceler aguenta pressão, é paciente e não se deixa influenciar com facilidade”. CRISE DOS MÍSSEIS Na manchete do South China Morning Post ao longo do final de semana, “China e Rússia conclamam EUA a abandonar plano de implantar mísseis na Ásia-Pacífico e na Europa”. Para o jornal, mais do que o acordo sobre gás, foi o destaque da cúpula Xi Jinping-Vladimir Putin —e alinha os países em relação à anunciada estratégia americana de expansão de “mísseis de longo alcance” nas duas regiões.



‘TRAÍÇÃO’ Na Fox News, Tucker Carlson atacou a esquiadora Eileen Gu, 18, nascida na Califórnia e que compete pela China nos Jogos, por ‘traição’: na China, outra californiana que compete por Pequim, a esquiadora Zhu Yi, 19, virou alvo dos ‘netizens’ no Sina Weibo após cair na apresentação, com questionamentos a seu ‘patriotismo’; mas ela foi aplaudida ao final, no ginásio, e defendida na rede social por Hu Xijin, do Global Times